

À MELHOR NORA DE NOSSA VIDA

Eugene S. Geisler

Jo, você lembra-se, quando, pela primeira vez, chamou-me “Marido Amigo”? Foi há muitos anos, no início de nosso casamento. Não senti que fosse especialmente extraordinário ser chamado assim. Afinal de contas, o que se espera de um marido ou de uma esposa? Agora, porém, que estou velho e você continua dizendo isso, o título cresceu muito em significado para mim.

Passamos por muitas coisas juntos e sobrevivemos a todas. Esperamos que o cuidado um pelo outro continue. Nossa ternura é mais preciosa do que nunca devido a nossa maior necessidade mútua.

Após trinta e cinco anos de casamento, você escreveu: “Meu Marido Amigo”, e eu tinha vinte anos quando o conheci. Nada sei de seus primeiros anos, mas a pessoa que era aos vinte e oito anos despertou meu imediato interesse. Não houve constrangimento nem tensão e, desde o primeiro encontro, ficamos amigos. E permanecemos amigos até hoje.

Há alguns dias, discretamente, celebramos quarenta e cinco anos de casados. Foi, de fato, um dos melhores aniversários, não foi? Você, no dia seguinte, chamou-me para o lado, embora não houvesse ninguém à volta que pudesse ver-nos ou ouvir-nos. Confidenciou-me, a seguir:

– Desde que casamo-nos e, depois, quando você foi para o exterior, e em todos esses outros anos, eu sempre quis comprar uma aliança de ouro para você. Você a usará?

Estou aqui sentado, com minha aliança de ouro brilhando para mim. Está comigo há menos de quarenta e cinco horas, mas tem o tamanho certo e parece que a possuo já há quarenta e cinco anos. E, na outra vez em que deixei um bilhete para você, no balcão da cozinha, delíciei-me ao assinar:

“Marido Amigo, com aliança”.

Estou dizendo banalidades? Ou talvez não seja necessário falar nada? Marido e esposa amigos durante quarenta e cinco anos devem saber o que o outro está pensando. Sentar-se, ao final de um período tão longo de tempo, juntos e em silêncio, torna-se uma espécie de virtude, um som agradável, uma linguagem de presença. Você diria que, às vezes, ficamos inclinados a chamá-la de “a hora mais feliz de nossa vida”?

Nossos filhos, há cinco anos, resolveram reformar a sala de estar transformando-a em um aposento só para nós dois. Fomos apanhados de surpresa e ficamos inseguros em relação à oferta.

Você sabe que os que estão envelhecendo não gostam de mudanças. Mas, era um presente de Natal, amorosamente ofertado por nossos filhos.

A sala era comprida, um tanto estreita, dando para o sul, e, na frente, tinha uma grande janela panorâmica. Do lado estreito, à leste, fica a biblioteca. Você tem ali a bergère que sempre desejou e passa muito tempo lendo, sentada nela.

A leitura é seu passatempo, grande parte de seu entretenimento, sua terapia e seu refúgio.

Minha bergère, combinando com a sua, fica do outro lado da sala, no canto, perto do fogão. Ela é minha base de operações. Um sofá contra a parede, do lado oposto à janela, permite-nos receber, às vezes, visitas agradáveis.

Ficamos aqui, um de frente para o outro, em lados opostos da sala – você, a maior parte do tempo, na biblioteca, e eu, que sou o tipo de pessoa que levanta e senta, entra e sai, fico somente a metade do tempo no meu canto.

Entre nós dois, entretanto, muito acontece aqui. Oramos juntos e normalmente tomamos o desjejum e almoçamos neste espaço. Interrompemos um ao outro com coisas a contar, sugestões a oferecer, pensamentos a compartilhar, piadas para rir e até discussões que começam e se interrompem.

Temos consciência de nossa necessidade mútua, nosso carinho um pelo outro, nossas promessas de cuidar um do outro, tarefa reserva para aquele de nós que tiver condição para isso quando a hora chegar. Pedimos ao Senhor, algumas vezes, para que pudéssemos morrer em datas próximas. Agradecemos todos os dias a Deus por estarmos juntos.

Entre as pessoas pelas quais mais oramos, agora, estão os “idosos e os enfermos” e, outro dia, tivemos de acrescentar a nossa oração: “Entre os quais encontramos-nos hoje”. Nenhum de nós, na verdade, está assim tão velho ou tão enfermo para que tenhamos de falar muito sobre esse assunto. Sabemos, porém, que a hora está chegando – o fim das coisas que amamos juntos. Ser honesto sobre o que nos aguarda não nos distrai dos momentos fugazes de paz e serenidade de espírito, a antecipação das coisas boas que nos aguardam na presença do Senhor.